

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL - NOTURNO**

Marcus Vinicius Gama Soares

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO (AH/SD) NO ENSINO
SUPERIOR**

Santa Maria, RS, Brasil

2018

Marcus Vinicius Gama Soares

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO (AH/SD) NO ENSINO SUPERIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Especial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciado em Educação Especial**.

Orientadora: Prof^aDr^aTatiane Negrini

Santa Maria, RS, Brasil

2018

Marcus Vinicius Gama Soares

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO (AH/SD) NO ENSINO SUPERIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Especial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Licenciado em Educação Especial.**

Aprovado em 10 de dezembro de 2018:

Tatiane Negrini, Dra.(UFSM)

(presidente/orientador)

Nara Joyce Wellausen Vieira, Dra. (UFSM)

Leandra Costa da Costa, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS, Brasil

2018

RESUMO

O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO (AH/SD) NO ENSINO SUPERIOR

AUTOR: Marcus Vinicius Gama Soares

ORIENTADORA: Tatiane Negrini

O presente Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Educação Especial Noturno vinculado ao Centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, tem como objetivo geral investigar o processo de inclusão do aluno com altas habilidades/superdotação (AH/SD) no início do Ensino Superior da UFSM. Para tanto, optou-se por realizar um estudo de caso, de caráter qualitativo. Como instrumento de coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada, com o propósito de investigar a inclusão, os desafios e as suas potencialidades no ambiente acadêmico. A presente pesquisa foi realizada com duas acadêmicas identificadas com AH/SD que ingressaram no ensino superior, nos cursos de Arquivologia e Ciências Sociais Bacharelado. A formação inicial é de suma importância para potencializar a conduta do profissional, tanto no que se refere ao conhecimento a ser adquirido como no exercício de sua autonomia. E este percurso a ser trilhado durante o ensino superior é de muitos desafios e enfrentamentos. Como resultado das análises foi possível identificar diversos enfrentamentos para a inclusão no ensino superior, dentre eles destacam-se as relações com os pares e a formação dos professores, salientando o conhecimento e informação desses acerca **das** AH/SD. Este estudo objetivou investigar o processo de inclusão do adulto no ensino superior, reconhecendo os desafios desse processo e refletindo acerca desses, de modo que a inclusão seja discutida e praticada.

Palavras-chave: Educação Especial. Inclusão. Altas Habilidades/Superdotação. Ensino Superior.

ABSTRACT

THE INCLUSION PROCESS OF THE STUDENT WITH HIGH ABILITIES / GIFTEDNESS IN HIGHER EDUCATION

AUTHOR: Marcus Vinicius Gama Soares

SUPERVISOR: Tatiane Negrini

The present study of the graduation course in Special Night Education, linked to the Education Center of the Federal University of Santa Maria (UFSM) has the general objective to investigate the process of inclusion of the student with high abilities / giftedness at the beginning of UFSM Higher Education. Therefore, a qualitative case study was chosen. As a data collection instrument, a semi-structured interview was used to investigate the inclusion, challenges and potentialities of the academic environment. The present research was carried out with two academics identified with high abilities / giftedness who entered higher education, in the courses of Archivology and Social Sciences Bachelor. Initial training is of paramount importance to enhance the professional's behavior, both in terms of the knowledge to be acquired and in the exercise of their autonomy. And this path to be followed during higher education is one of many challenges and confrontations. As the analyzes result, several clashes for inclusion in higher education were identified, among them the relations with peers and teacher training, emphasizing the knowledge and information about these about high abilities / giftedness. This study aimed to investigate the process of adult inclusion in higher education, recognizing the challenges of this process and reflecting on them, so that inclusion is discussed and practiced.

Keywords: Special Education. Inclusion. High Abilities / Giftedness. Higher education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 JUSTIFICATIVA	11
3 PROBLEMA DE PESQUISA	13
4 OBJETIVOS	13
4.1 Objetivo Geral	13
4.2 Objetivos Específicos	13
5 REVISÃO DE LITERATURA	14
5.1 Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD)	14
5.2 Inclusão e o sujeito com AH/SD	18
5.3 O estudante com AH/SD no Ensino Superior	21
6 MÉTODOS	25
6.1 Desenho do estudo	25
6.2 Amostra/População Alvo	25
6.3 Critérios de Inclusão.....	26
6.4 Análise dos Dados.....	27
6.5 Aspectos Éticos.....	27
7 ANÁLISE DOS DADOS	27
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
APÊNDICES	43
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	43
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	46

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a questão do processo de inclusão do aluno com altas habilidades/superdotação (AH/SD) no ensino superior. Não foi encontrado um número significativo de trabalhos sobre este tema e por este motivo me despertou interesse em realizar esta pesquisa sobre a perspectiva da educação inclusiva.

Mesmo não parecendo, o ensino superior acaba sendo um grande desafio para estes alunos, uma vez que, por mais que eles tenham o acesso à universidade, eles podem precisar de estratégias metodológicas adequadas para que continuem estudando até a conclusão do seu curso e não o abandonem.

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) assegura a matrícula desses alunos, independente de suas necessidades, e também pode-se destacar o Decreto nº 7.611, o qual menciona:

Art. 2º A educação especial deve garantir os serviços de apoio especializado voltado a eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.[...]
II - suplementar à formação de estudantes com altas habilidades ou superdotação. (BRASIL, 2011, s/p)

Alunos com AH/SD na maioria das ocasiões são vistos como pessoas “superinteligentes” em determinadas áreas, às vezes porque aprendem a ler antes dos outros na sala de aula, ou por que parecem mais maduras por não se interessar pelos mesmos assuntos que seus colegas. As diferenças existem por diversos fatores, e devem ser respeitados, por isso pode-se observar que:

Pessoas com AH/SD não pertencem a um grupo homogêneo, de pessoas sobrenaturais. Na verdade, trata-se de um grupo heterogêneo, com características diferentes e habilidades diversificadas; diferem uns dos outros também por seus interesses, estilos de aprendizagem, níveis de motivação e de autoconceito, características de personalidade e principalmente por suas necessidades educacionais. (VIRGOLIM, 2007, p. 11)

Esses alunos por muitas vezes conseguem realizar atividades e resolver problemas sem qualquer dificuldade, e isso que os diferencia de seus colegas pode atrapalhar na sua socialização e por este motivo convivem com grandes desafios

diariamente. Estereótipos e ideias errôneas existem pelo desconhecimento e por falta de informações sobre este tema, e como consequência, acabam produzindo mitos sobre as pessoas com AH/SD.

Apesar dos alunos terem uma inteligência acima da média, eles podem necessitar de um acompanhamento educacional especializado onde consigam desenvolver-se cognitivamente, social e emocionalmente, pois esse aluno só irá desenvolver suas habilidades através de estímulos. Por isso a importância de ter um ambiente que responda às suas necessidades, pois eles buscam conhecimentos que vão além dos que normalmente são ofertados na sala de aula. Segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva:

Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.(BRASIL, 2008, p.15)

Mesmo que as instituições estejam hoje de braços abertos para a inclusão, os profissionais da educação não estão preparados para receber alunos com AH/SD, e isso é desafiador para eles, pois precisam contribuir para que esse ambiente seja acolhedor e lhe ofereça os subsídios necessários para uma educação de qualidade.

O professor poderá necessitar rever seus planos e estratégias que irá desenvolver em sala de aula para seus alunos com necessidades especiais, verificando sempre quais as dificuldades e potencialidades que esses alunos têm e adaptá-las sempre que necessário.

Não é de hoje que ouvimos falar da educação inclusiva, e isso não se dá através só das leis, mas sim do espaço educacional, escola, do professor, da família, dos amigos e de todas as pessoas que estão junto com este aluno, pois é desse relacionamento que o aluno irá se fortalecer e construir seu conhecimento.

Segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008,p.14), esta tem como “objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação”.

Sabe-se que a inclusão educacional não é um caminho fácil, mas aos poucos está se adaptando de maneira que todas as pessoas tenham direitos garantidos. Tanto no que se refere à legislação e conscientização das pessoas como também na

acessibilidade arquitetônica. Os espaços educacionais têm papel fundamental na vida do estudante, tanto para aqueles que ingressaram nas escolas quanto aos que conseguiram chegar na universidade, mesmo com todas as dificuldades que devem ter enfrentado no caminho. No caso dos adultos com AH/SD, as universidades devem repensar sua forma de ensino tradicional, pois este método não colabora com este público, nem mesmo com aqueles que podem ter dificuldade de aprendizagem, deficiência intelectual, autismo, entre outros.

No caso desta pesquisa, está sendo tratado sobre adultos com AH/SD, que muito destes, não conseguem se adaptar a metodologia tradicional da universidade e acabam sendo negligenciados pelos seus professores. A universidade é uma instituição social, que desempenha importantes papéis para o desenvolvimento humano na sociedade contemporânea. Ela deve promover a educação para que se tenha cidadãos competentes e comprometidos com a sociedade, assim como deve contribuir para que as pessoas tenham uma formação mais específica. As universidades devem procurar ser mais acessíveis para todos os estudantes, buscando uma inclusão educacional e social, assim formando uma sociedade mais justa e igualitária.

Desse modo, é necessário refletir sobre o tema das AH/SD e como estes alunos são vistos no ensino superior. Inicialmente pode-se dizer que cada aluno é diferente um do outro, com desenvolvimentos cognitivos, afetivos e de personalidades diferentes.

Os alunos com AH/SD estão citados na Educação Especial desde 1971, quando sua inserção foi oficializada na Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1971), Artigo 9º:

Os Alunos que apresentam deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes conselhos de Educação. (BRASIL, 1971, s/p).

Após, a Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994, p. 05), trouxe que “Todas as crianças devem aprender juntas sempre que possível, independente de quaisquer dificuldade ou diferenças que elas possam ter”. Logo depois as políticas para as pessoas com AH/SD tiveram um impulso com a Lei 9394/96 (BRASIL, 1996), que no capítulo V, art.59, no contexto da educação especial, trata da:

II- Terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados.

IV- Educação especial para o trabalho, visando sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelam capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora. (BRASIL, 1996, p.17)

Também, criou-se outra lei que aborda sobre o tema das AH/SD, exposta na Lei Federal 10.172 de 09 de Janeiro de 2001:

A educação especial se destina às pessoas com necessidades especiais no campo da aprendizagem, originadas quer de deficiência física, sensorial, mental ou múltipla, quer de características como altas habilidades, superdotação ou talentos (BRASIL, 2001, p.47)

A prática inclusiva ainda é recente no ensino superior, mas com a preparação das escolas para receber alunos com deficiência na educação básica isso vem se ampliando. Com o desenvolvimento das políticas públicas e as estratégias de intervenção, esses alunos estão chegando cada vez mais nas universidades e permanecendo nela, realizando os cursos de seus interesses, o que é o mais importante. Isso mostra que estamos no caminho certo, que o Brasil está melhorando no quesito inclusão, para que esses sujeitos tenham um ensino de qualidade.

O ambiente em que o aluno está influencia também diretamente na sua estimulação, favorecendo um melhor desenvolvimento para si. A instituição educacional também é uma fonte de construção para o aluno, pois com o apoio do professor é que ele vai aprender a desenvolver suas habilidades de estudo e enriquecer seu conhecimento. O professor deve propor atividades que estimulem suas capacidades.

Todo esforço educacional é alicerçado na ação do professor que trabalha diretamente com o educando, e a Educação para bem-dotados não é uma exceção. Embora uma ampla gama de pessoas e diferentes tipos de personalidades possam e devam contribuir para com a formação das crianças mais capazes, através de suas experiências profissionais e história de vida, trazendo conhecimentos, inspiração, e sendo elas mesmas modelos de “adequação pessoal”, a pessoa chave, que vai ajudar a criança a absorver essa vivência e esse material dentro do projeto educacional maior, a interpretá-lo de forma a fazer sentido [...] (GUENTHER,2000,p.147).

E, referindo-se aos alunos com AH/SD, é necessário que o professor garanta respostas educacionais de qualidade às necessidades dos alunos, visando desenvolver as capacidades deles de uma forma satisfatória, sempre os valorizando para que não se perca a potencialidade desses alunos.

2 JUSTIFICATIVA

Pouco se encontra estudos sobre o processo de inclusão do aluno com AH/SD, principalmente quando trata-se dessa no ensino superior. Conforme Farias e Weschsler (2014) “Percebe-se, assim, que a diversidade de termos, associada a uma falta de consenso sobre o fenômeno da dotação e do talento, não tem contribuído para a prática e as atividades de pesquisa na área”.

A escassez desse estudo, talvez se dê pelo mito de que o aluno com AH/SD possui grandes potenciais para a realização das atividades sem necessidade de auxílio, no entanto, este aluno precisa, como qualquer outro, de estímulos que irão enriquecer suas habilidades, mantendo assim o interesse pelos estudos.

Conforme Virgolim (2014), a falta de um maior número de pesquisas em relação a essa população é um dos problemas enfrentados na realidade do nosso país.

Estudos nessa área mostram que grande parte desses estigmas são criados pelos próprios pais, educadores, psicólogos, médicos que desconhecem essa área, sobrecarregando assim os estudantes com AH/SD.

Nem sempre o aluno com AH/SD vai ser o melhor da turma, o mais educado, o mais falante, às vezes ele acaba tendo um interesse por uma disciplina específica, e deixa de lado as outras, necessitando de atenção e auxílio. E por outro lado se é um aluno que se expressa bem, acaba por ser visto como um aluno desafiador e que gosta de chamar atenção.

O ensino superior deve favorecer uma aprendizagem enriquecedora, contribuindo com o seu processo de aprendizagens e desenvolvimento dos alunos com AH/SD. Desse modo, os professores podem conhecer como o aluno desenvolve seu aprendizado, quais as barreiras e desafios que ele encontrará durante a sua vida acadêmica, podendo assim auxiliar no desenvolvimento do potencial desse aluno. Segundo a pesquisadora Alencar o professor deve refletir sobre sua prática docente para que consiga objetivá-las aos seus alunos, sendo que na citação a seguir pode-se ver isso:

- Ajudar o aluno a desenvolver ao máximo os seus talentos e habilidades.
- Possibilitar experiências de sucesso para todos os alunos, levando-os a perceber os seus “pontos fortes”, contribuindo, desta forma, para a formação de um autoconceito positivo:
 - a) Ajudar o aluno a desenvolver bons hábitos de estudo.
 - b) Utilizar estratégias diversas para despertar, alimentar e ampliar os interesses discentes.
 - c) Respeitar o ritmo de aprendizagem do aluno.
 - d) Propiciar um clima em sala de aula que faça com que o aluno se sinta valorizado, respeitado e estimulado a dar o melhor de si.
 - e) Priorizar não apenas a dimensão intelectual, mas também a afetiva (sentimentos e valores), além de contribuir para o desenvolvimento social do aluno.
 - f) Propiciar condições favoráveis ao desenvolvimento do potencial criador, tanto pelo fortalecimento de traços de personalidade que se associam a criatividade, como autoconfiança, iniciativa, flexibilidade, persistência, quanto encorajando e possibilitando o exercício do pensamento criativo.
 - g) Utilizar estratégias instrucionais que encorajem o estudo independente do aluno e a pesquisa de tópicos relativos ao conteúdo específico do currículo que estiver sendo tratado.
 - h) Permitir uma aprendizagem em maior profundidade de tópicos de interesses em áreas específicas de estudo.(ALENCAR, 2012, p.92).

Outro fator importante se dá através de um ambiente com condições favoráveis que atendam aos interesses dos alunos, que lhe permitam se expressar de modo que desenvolva de forma mais plena suas habilidades, tanto cognitivamente quanto socialmente. Outro ponto importante são as estratégias de ensino diferenciadas, que atendam às necessidades do aluno, oportunizando ao mesmo, o desenvolvimento de possíveis habilidades, respeitando suas limitações e capacidades, visando seu sucesso acadêmico e seu crescimento pessoal.

Por ser um tema pouco debatido e cheio de ideias errôneas e mitos, é que muitos profissionais têm dificuldade em trabalhar com estas pessoas com AH/SD, por isso a importância de buscar informações, valorizá-los, proporcionar a eles desafios enriquecedores, oferecer um ambiente adequado e retirar deles o rótulo de gênios. Quem sabe assim diminua o preconceito sobre os alunos com AH/SD e eles

não venham a ser mais prejudicados no seu processo de aprendizagem.

Um grande problema ainda é não termos pessoas capacitadas para trabalhar com estes sujeitos, por isso a importância de discutir a respeito, de informar e fazer com que estes busquem conhecer mais sobre esta área. É necessário um envolvimento de todos para que seja realizado um trabalho de qualidade para estes alunos. O professor é essencial para que este aluno avance em seus estudos, não desista e persista até o final do curso no ensino superior.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

Quais os desafios que o aluno com altas habilidades/superdotação (AH/SD) encontra na inclusão no ensino superior?

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

O objetivo geral da pesquisa é investigar o processo de inclusão do aluno com altas habilidades/superdotação (AH/SD) no início da graduação no ensino superior da Universidade Federal de Santa Maria.

4.2 Objetivos específicos

- Investigar as expectativas do aluno com AH/SD que frequenta o ensino superior.
- Verificar se as estratégias de ensino dos docentes estão atendendo às necessidades e expectativas de aprendizagem do aluno com AH/SD e como estão sendo desenvolvidas;
- Analisar as relações estabelecidas entre os alunos com AH/SD com seus pares e professores no ensino superior;
- Identificar os desafios para a inclusão do aluno com AH/SD no ensino superior;
- Reconhecer os espaços e/ou alternativas educacionais promissoras para o desenvolvimento do sujeito com AH/SD dentro da UFSM.

5 REVISÃO DE LITERATURA

5.1 Altas Habilidades/Superdotação

Quando fala-se sobre o tema das AH/SD, logo vem a ideia de sujeitos com ótimos potenciais, gênios que não precisam de atenção pois têm muita facilidade. Segundo a Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008, p. 15), os alunos com AH/SD são aqueles que:

Demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.

Este documento oficial esclarece que as pessoas com AH/SD demonstram um desempenho acima da média em diversas áreas do conhecimento, assim como está associado à criatividade e o envolvimento com a tarefa.

Gardner (1994) desenvolveu a teoria das Inteligências Múltiplas em 1980, causando forte impacto na área educacional. O norte-americano propôs em 1983, sete inteligências (linguística, lógico-matemática, espacial, interpessoal, intrapessoal, musical e corporal-cinestésica), e mais tarde acrescentou a inteligência naturalista.

O psicólogo chegou a essas conclusões a partir de estudos que se referem ao funcionamento do cérebro. Então as 8 inteligências atualmente definidas por ele são:

- Inteligência linguística: Consiste na capacidade de pensar com palavras e de usar a linguagem para expressar e avaliar significados complexos. Autores, poetas, jornalistas, palestrantes e locutores exibem graus elevados de inteligência linguística.

- Inteligência lógico-matemática: Possibilita calcular, quantificar, considerar proposições e hipóteses e realizar operações matemáticas complexas. Cientistas, matemáticos, contadores, engenheiros e programadores de computação demonstram forte inteligência lógico-matemática.
- Inteligência espacial: Instiga a capacidade para pensar de maneira tridimensionais, como fazem navegadores, pilotos, escultores, pintores e arquitetos. Permite que a pessoa perceba as imagens externas e internas, recrie, transforme ou modifique as imagens, movimente a si mesma e aos objetos através do espaço e produza ou decodifique informações gráficas.
- Inteligência interpessoal: É a capacidade de compreender as outras pessoas e interagir efetivamente com elas. É evidente em professores bem-sucedidos, assistentes sociais, atores ou políticos. Como a cultura ocidental recentemente começou a reconhecer a conexão entre a mente e o corpo, também passará a valorizar a importância da competência no comportamento interpessoal.
- Inteligência intrapessoal: Refere-se à capacidade para construir uma percepção acurada de si mesmo e para usar esse conhecimento no planejamento e no direcionamento de sua vida. Alguns indivíduos com forte inteligência intrapessoal especializam-se como teólogos, psicólogos e filósofos.
- Inteligência musical: É evidente em indivíduos que possuem uma sensibilidade para a anotação, a melodia, o ritmo e o tom. Compositores, maestros, instrumentistas, críticos musicais, fabricantes de instrumentos e também ouvintes sensíveis demonstram essa inteligência.
- Inteligência cinestésico-corporal: Permite que a pessoa manipule objetos e sintonize habilidades físicas. É evidente em atletas, dançarinos, cirurgiões e artesãos. Nas sociedades ocidentais, as habilidades físicas não são tão altamente valorizadas quanto às cognitivas, embora em outros lugares a capacidade de usar o corpo seja uma necessidade para a sobrevivência e também uma característica importante de muitos papéis de prestígio.
- Inteligência naturalista: Consiste em observar padrões na natureza, identificando e classificando objetos e compreendendo os sistemas naturais e aqueles criados pelo homem. Incluem-se entre os naturalistas qualificados fazendeiros, botânicos, caçadores, ecologistas e paisagistas.(GARDNER, 2000, p.22)

As pessoas com AH/SD podem desenvolver inteligências isoladas ou combinadas, que irão se manifestar através dos fatores culturais e motivações. Quando falamos em questões culturais temos que ter em mente que muitas coisas que sabemos hoje vieram de informações passadas, então toda essa transformação de informações está inserida no contexto das pessoas com AH/SD. Partindo disso, entende-se o porquê dos mitos e ideias errôneas relacionadas a essas.

Desta forma é importante apresentar aqui também a Teoria do norte-americano Renzulli (2004) que traz o Modelo dos Três Anéis, que pode identificar uma pessoa com AH/SD, que conta com três traços: o primeiro é a capacidade acima da média, o segundo é o comprometimento com a tarefa e o terceiro é a criatividade.

Neste estudo de Joseph Renzulli, ele aborda algumas características de sujeitos que, cumprindo esses três traços, podem apresentar as AH/SD. De acordo

com a teoria dos Três Anéis de Renzulli (2004), é definido o conceito de superdotação da seguinte forma:

O comportamento superdotado consiste nos comportamentos que refletem uma interação entre três agrupamentos básicos dos traços humanos – sendo esses agrupamentos habilidades gerais ou específicas acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e elevados níveis de criatividade. As crianças superdotadas e talentosas são aquelas que possuem ou são capazes de desenvolver estes conjuntos de traços e que os aplicam a qualquer área potencialmente valiosa do desempenho humano.

Renzulli (2014) e Virgolim (2014) consideram alguns fatores com relação ao Modelo dos Três Anéis. Um deles é que nenhuma das características mencionadas: habilidade acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade, apresentam mais importância que a outra, mas que para provar indicativos de AH/SD é necessário que a pessoa apresente as três características.

Para melhor detalhamento de cada uma delas, Freitas (2006):

A habilidade acima da média pode ser tanto geral como específica. A habilidade geral consiste em processar informações, abstrair e integrar experiências que resultem em respostas adequadas e adaptadas as novas situações. Os raciocínios verbal e matemático, as relações espaciais, a memória e a fluência de linguagem são integrantes da habilidade geral. Já as específicas referem-se a capacidade de desempenhar atividades especializadas ou consideradas de uma faixa restrita de conhecimento, em geral, descritas como formas de expressão em situações de vida real.

A segunda dimensão do conceito é criatividade. Ela é universal, mas assim como outros componentes do comportamento inteligente, muitas vezes, não é entendida na sua abrangência. Não se restringe a determinadas áreas do saber, como a arte ou como a música, mas está presente nas mais variadas formas de pensar ou agir.

O comprometimento com a tarefa é uma forma refinada de motivação, e representa a energia que é mobilizada por um determinado problema ou por uma área específica de desempenho.

Na imagem a seguir podemos ver claramente os fatores que influenciam na manifestação no desenvolvimento dos “três anéis”.

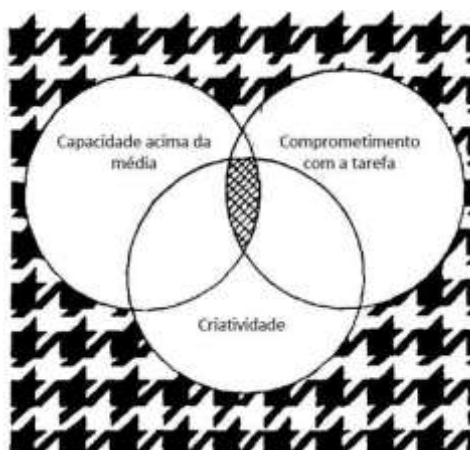


Imagem 1: Modelo dos Três Anéis

Fonte: <http://altashabilidadesromulozanchi.blogspot.com/2015/10/os-tres-aneis-de-renzulli.html>

Influenciando o comportamento de superdotação, representado pelo autor como uma teia ao fundo da imagem, estão família, escola e o social, assim como os fatores de personalidade. A família funciona como mediadora do processo de desenvolvimento do aluno e tem papel importante na promoção da socialização, sendo neste ambiente que vai formar a sua identidade e sua personalidade. Segundo o autor, esses três grupamentos merecem a mesma atenção, pois nenhum é mais importante que o outro.

O ambiente familiar que geralmente é onde esta criança tem seu primeiro contato, é um dos mais importantes, pois ela descobrirá suas habilidades nele e deverá ser motivada sempre. Por estes motivos que “o desenvolvimento de cada uma, no entanto, dependerá tanto de fatores genéticos e neurobiológicos quanto de fatores motivacionais e culturais” (GAMA, 2006, p.35).

O espaço educacional é também extremamente importante, pois é um espaço de construção da cidadania. Ter profissionais da educação empenhados em propor uma educação inclusiva, proporciona a eles coragem de estar nela. A instituição também deve ser um ambiente estimulador onde os alunos precisam encontrar desafios, para desenvolver suas capacidades.

No caso do adulto com AH/SD no ensino superior, este sujeito também vê-se imerso em um contexto novo, com muitas possibilidades de exploração, mas também inúmeras vezes preso em currículo ou metodologias pouco estimuladoras. Desse modo, este espaço educacional pode ser um ambiente estimulador, ou não para o desenvolvimento de seus potenciais.

5.2 Inclusão e o sujeito com AH/SD

No contexto escolar a educação inclusiva vem se estabelecendo como um movimento revolucionário, como uma proposta de educação para todos, mudanças estão ocorrendo ao longo do tempo e estratégias sendo montadas, onde os projetos políticos pedagógicos estão sendo reformulados de modo a organizar uma proposta inclusiva para a instituição. Segundo Aranha (2004, p.08)

A escola inclusiva é aquela que conhece cada aluno, respeita suas potencialidades e necessidades, e a elas responde, com qualidade pedagógica, atendimento educacional especializado, sem prejuízo da sua escolarização regular, onde a estimulação e integração podem minimizar dificuldades e ampliar o que a criança tem de melhor.

Quando um professor recebe em sua sala de aula um aluno com AH/SD logo se vê o desconhecimento deste educador em relação a este tema, logo geram perguntas e debates sobre como trabalhar com este aluno.

Mesmo que diversos autores venham discutindo este tema, as informações acabam sendo insuficientes, no âmbito escolar. Este tema é escasso nos espaços educacionais e pouco debatido nas palestras, ou em reuniões, não tendo a atenção necessária que deveria, mesmo eles tendo o direito de serem atendidos com uma educação de qualidade. O professor precisa acreditar e incentivar de fato que seu planejamento irá desenvolver as habilidades dos seus alunos.

Aranha (2004, p.07) afirma ainda:

A escola inclusiva é aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de seus alunos, de acordo com suas potencialidades e necessidades. Assim a escola só poderá ser considerada inclusiva quando estiver organizada para favorecer a cada aluno [...] Um ensino significativo é aquele que garante o acesso ao conjunto sistematizado de conhecimentos como recursos a serem mobilizados.

Na perspectiva da educação inclusiva, a Resolução CNE/CP n°1/2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Professores da Educação Básica diz:

Art. 2º A organização curricular de cada instituição observará, além do disposto nos artigos 12 e 13 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, outras formas de orientação inerentes à formação para a atividade docente, entre as quais o preparo para:

I - o ensino visando à aprendizagem do aluno;

II - o acolhimento e o trato da diversidade;

III - o exercício de atividades de enriquecimento cultural;

IV - o aprimoramento em práticas investigativas;

V - a elaboração e a execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares;

VI - o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias,

estratégias e materiais de apoio inovadores;

VII - o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe.

(BRASIL, 2002, p.01)

É necessário refletir que essa organização traz contribuições e avanços na formação e no conhecimento dos professores e destes alunos, essas adaptações são inovadoras e estimula alunos e professores. É possível haver um ensino de qualidade com algumas flexibilizações, por isso deve-se oferecer ao seu aluno novas estratégias de ensino, ter um planejamento diferenciado.

São muitos os desafios que as instituições educacionais enfrentam diante do estudante com AH/SD, e que precisam ser supridos para que a inclusão seja alcançada. Logo abaixo Virgolim mostra a necessidade de:

[...] disseminar a área da superdotação, aprofundando o conhecimento da sociedade sobre o tema; Ressaltar as necessidades cognitivas, sociais e emocionais especiais dessa população; Combater mitos e falácias, como o de que o superdotado não necessita de mais recursos, podendo se desenvolver sozinho; Proporcionar treinamento especializado aos profissionais envolvidos; Proporcionar materiais adequados à necessidade do grupo; Desenvolver e utilizar técnicas modernas de identificação; Adaptar e diferenciar currículos e programas aos diferentes níveis, em escolas públicas e particulares; Implantar cursos de graduação e pós-graduação específicos para a área nas universidades brasileiras; Realizar mais pesquisas com essa população para a nossa realidade; Publicar e implementar a literatura especializada em nosso idioma. (VIRGOLIM, 2007, p. 18).

Os alunos com AH/SD na maioria das vezes são invisíveis aos olhos dos profissionais da educação, e para isso mudar precisamos que professores tenham um conhecimento sobre o tema, que contribuam para o crescimento pessoal e intelectual dos alunos com AH/SD. Eles precisam de orientações, atenção especial e estimulação no contexto escolar, pois assim será melhor o desenvolvimento dele.

Quando esta atenção não ocorre, principalmente para aqueles que possuem AH/SD, acabam sendo tratados como diferentes e são excluídos.

Neste sentido, muitas vezes mitos estão presentes. Procurou-se então, esclarecer alguns mitos que podem ser encontrados na sociedade que acabam por interferir na qualidade de vida dos alunos com AH/SD. Essas ideias influenciam diretamente na educação desses alunos. Segundo Winner (1998), os mitos aparecem em várias áreas de estudo, mas seu trabalho se dá no tema superdotação, sendo assim a autora traz alguns mitos que são vistos como ideias equivocadas.

O primeiro mito que a autora Winner (1998) apresenta é que as crianças superdotadas possuem uma capacidade cognitiva que lhes permitem serem bons em tudo, em diversas áreas de conhecimento. Sabe-se hoje que não é bem assim, pois as vezes o aluno pode ser muito bom em uma área e ter dificuldades em outras.

No segundo mito, Winner (1998) mostra que muitos acham que a superdotação está ligada com habilidades na escola e que habilidades em outras áreas são consideradas talentos.

O terceiro mito traz a suposição de que todo o aluno tem o QI alto. Winner (1988) ressalta que existem crianças superdotadas em algumas áreas sem apresentar o QI alto, por exemplo se considerarmos que existem pessoas superdotadas, com QI baixo, chamados de idiot savants.

No quarto e quinto mito a autora traz “biologia X ambiente”. Para ela, os dois fatores influenciam no desenvolvimento, mesmo que uma criança venha a nascer com AH/SD ela só se desenvolverá e dependerá da estimulação do ambiente. Winner (1998, p.119) destaca o papel do ambiente ao afirmar que “a superdotação não pode ser inteiramente um produto do nascimento: apoio familiar, educação e trabalho árduo podem determinar se um potencial se desenvolve ou não”.

No sexto mito Winner (1998, p.16) fala que crianças superdotadas são “fabricadas” por pais e familiares que cobram e zelam excessivamente pelo aprendizado de seus filhos. Entendemos que os pais de crianças superdotadas se preocupam com o desenvolvimento de seus filhos, por isso são orientados para que deixem eles terem uma vida normal, para que despertem neles o interesse de ir em busca de novas conquistas. Esse envolvimento da família é muito importante pois é ela a responsável pela maior parte no processo de desenvolvimento da criança.

O sétimo mito aborda que pessoas com AH/SD tem problemas de relacionamento e sofrem preconceitos de crianças ditas “normais”. Entretanto alguns psicólogos trazem que essas crianças são populares, bem ajustadas,

extraordinariamente morais e com muita saúde física e psicológica. Porém, crianças com AH/SD são, na maioria das vezes, socialmente isoladas, pois “a visão da criança superdotada bem ajustada aplica-se apenas à criança moderadamente superdotada e deixa de fora os extremos” (WINNER, 1998, p.17).

No oitavo mito se destaca que alguns professores disseram que as crianças são todas iguais e que todas são superdotadas, o que é um equívoco, pois é fundamental identificar o aluno com AH/SD, visto que só assim irão proporcioná-lo um atendimento de qualidade. “Esta suposição não é feita apenas sobre habilidades acadêmicas”, mas, também em áreas como artes e músicas (WINNER, 1998, p.17).

O nono mito traz que as crianças superdotadas serão adultos eminentes. Porém,

[...] muitas crianças superdotadas, especialmente os prodígios, malogram, enquanto outras acabam por se dedicar a outras áreas de interesse. Para a autora é injusto taxar que essas crianças serão adultos excelentes, que se destacarão dos outros, até porque, o desenvolvimento delas dependerá de outros fatores como motivação, ambiente familiar e oportunidades (WINNER, 1998, p.18).

A autora destaca que essas ideias errôneas atrapalham uma educação de qualidade. As pessoas devem ficar atentas e ignorar esses mitos, mudar estas concepções de que a criança obteve AH/SD somente pela genética, que eles conseguem realizar tudo facilmente, que eles são bons em tudo que fazem, e etc... Precisamos procurar informações corretas, desconstruir esses mitos e reduzir as informações que circulam de maneira equivocada sobre quem são as pessoas com AH/SD.

5.3 O estudante com AH/SD no Ensino Superior

Quando falamos em educação, aprendizagem, logo vem em mente crianças ou adolescentes, mas se pensarmos que aprendemos ao longo da vida com diferentes experiências, pode-se rever essa ideia, pois nos apropriamos de conhecimento desde o nascimento até o fim das nossas vidas.

Por isso é importante olharmos para o sujeito adulto, que traz consigo diversos tipos de experiências de vida. Às vezes a falta de suporte nas universidades, faz com que eles acabem evadindo dela, assim pode-se dar a ideia de que os adultos com AH/SD nas universidades não existem.

Pois, de acordo com Freitas e Pérez (2010) “compreender as características e os indicadores de AH/SD nas pessoas adultas permite vislumbrar como essas pessoas podem ser identificadas e atendidas [...]”.

Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde) aponta que existe oito milhões de superdotados no Brasil. Mas o indicador da organização utiliza apenas o Q.I (Coeficiente de Inteligência) como medidor de altas habilidades. O autor Howard Gardner estima que esse número pode ser bem maior, se considerarmos as inteligências múltiplas do psicólogo para medir a capacidade dos indivíduos.

Na atualidade, todos os educandos com AH/SD são reconhecidos por várias características diferenciadas nas áreas do conhecimento. No estudo realizado por Pérez (2008) envolvendo sujeitos adultos, a autora fala sobre as características mais frequentes das pessoas com altas habilidades/superdotação:

Busca de soluções próprias para os problemas; capacidade desenvolvida de análise, avaliação e julgamento; criatividade; independência de pensamento; produção ideativa; Concentração prolongada numa atividade de interesse; Consciência de si mesmo e de suas diferenças; Desgosto com a rotina; gosto pelo desafio; Habilidade em áreas específicas; interesse por assuntos e temas complexos, ideias novas e por várias atividades; precocidade, precocidade na leitura e leitura voraz; liderança; memória desenvolvida; Vocabulário avançado; Persistência perante dificuldades inesperadas; Sensibilidade aos problemas sociais entre outros (PÉREZ, 2008, p. 57-63).

Essas características comprovam que devemos discutir sobre essas necessidades específicas das pessoas com AH/SD, pois as características são muitas, e não é um processo fácil de identificação. O adulto com AH/SD que tem acesso na universidade deve ter uma educação diferenciada, que realmente o inclua na sala de aula.

Na Lei Nº 9.394 (BRASIL,1996), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, no item da Educação Superior garante ao aluno:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

- I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;
- III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.(BRASIL, 1996, s/p)

Por muitas vezes, muitos acreditam que os alunos com AH/SD não precisam de um atendimento especializado por serem considerados acima da média.

É importante falarmos aqui que as características que os adultos com AH/SD possuem na fase adulta foi adquirido ainda quando eram crianças. Essas características que irão contribuir nas estratégias para uma flexibilização da aula para que suas necessidades particulares sejam atendidas. Normalmente estudos sobre estratégias são voltados para crianças e adolescentes com AH/SD, adultos normalmente são deixados de lado pelo fato de serem adultos e terem mais responsabilidades de si, parecendo que eles não precisam de ajuda, mas engana-se quem pensa assim.

Nem sempre as características que as crianças com AH/SD carregam na infância são bem vistas, um exemplo de características que muitas pessoas com AH/SD possuem é a liderança, vistas por algumas pessoas como boas e outras como ruins, pois algumas pessoas sentem-se incomodadas e até ameaçadas por este comportamento, já outras veem pelo lado positivo, pois essa capacidade é ótima para vários tipos de situações, podendo ser bastante contribuinte.

Muitas vezes pelo fato de ter essa capacidade de liderança, ter interesse em assuntos diferentes, faz com que pessoas se afastem deles e acabem se isolando dos demais. Valores morais e éticos também são importantes e ressaltados por eles, “Altas Habilidades/superdotação: atendimento especializado” de Freitas e Pérez (2010, p. 102):

“Eu procuro fazer as coisas da melhor forma possível, procuro fazer coisas boas para outras pessoas [...] Eu acho que as pessoas devem se respeitar, respeitar as leis, pagar seus impostos direitos. [...] Ser honesto é uma coisa importante, cultivar a honestidade e transmitir esses valores para a minha filha e é importante que as pessoas sejam honestas e que a sociedade sobreviva” (Jerry, 37)

“Sou uma pessoa que respeita e gosta de ser respeitada [...]” (Clara, 36)

“Sou muito responsável com aquilo que assumo. [...] Me considero muito justa com todos que me rodeiam. [...] a busca pelo sentido real das coisas, por essa verdade, é o que me impulsiona”. (Joana, 43)

A falta de valores morais e éticos é referida por eles como principal aspecto que incomoda nas demais pessoas:

“Eu não gosto de mentira, roubo. Não gosto de corrupção, de pessoas corruptas”. (Jerry, 37)

“O que mais me incomoda é a hipocrisia, o fingimento e o racismo” (Peter,22)

“Me incomoda a falsidade, o agir por interesse” (Fernando,52)

Podemos ver a partir das características, que eles são um grupo heterogêneo, mas buscam os mesmos objetivos que é a igualdade e inclusão, sendo otimistas mesmo diante das dificuldades.

A persistência que parece diretamente proporcional ao nível de desafio enfrentado. Geralmente as PAH/SD não abandonam seus objetivos com facilidade e, e quando as dificuldade não estão dentro das suas previsões, encontram soluções alternativas para superá-las. [...] O alto nível de exigência também é muito elevado e, às vezes pode interferir no desenvolvimento afetivo e/ ou social, porque suas expectativas são altas que, não raramente, preferem não mostrar sua produção ou simplesmente destruí-la, quando consideram que não está de acordo ao que esperavam. As expectativas familiares ou escolares muito elevadas em relação a essas pessoas também podem contribuir negativamente, quando somadas ao perfeccionismo, levando os adultos a não terminarem tarefas ou a adiarem a sua conclusão, o que pode aumentar o nível de insatisfação e frustração. (PÉREZ, 2010, p.110)

Essas são habilidades são fundamentais pra a identificação, pois é fundamental que os professores fiquem atentos e observem se algum aluno tem algumas dessas características. Conforme Pérez (2010, p.111) “O rendimento superior em sala de aula frequentemente é um indicador nos alunos com AH/SD do tipo acadêmico e, por isso deve ser observado e registrado pelos professores”.

Um dos principais espaços de convivência social do ser humano é nas escolas, nas universidades, por isso é fundamental o apoio do professor para o seu desenvolvimento, isso é uma contribuição para o seu desenvolvimento profissional.

Um aluno no ensino superior é mais fácil de identificar, pois ele geralmente estará na sua área de interesse e poderão ser observados: habilidade acima da média, comprometimento com a tarefa e criatividade. Os educadores devem contribuir de forma relevante para o crescimento intelectual do aluno, realizando o exercício de cidadania e inclusão.

Estes indicadores de AH/SD auxiliam o professor na identificação dos alunos e também facilitam a organização de estratégias pedagógicas que este aluno irá receber em sala de aula, por isso a importância de reconhecer a existência desta população, essa é a forma mais justa de uma educação inclusiva para um aluno com AH/SD.

6 MÉTODOS

6.1 Desenho do Estudo

O trabalho desenvolvido é um estudo de caso, e foi alicerçado no paradigma qualitativo. Para a coleta dos dados será utilizada a entrevista semiestruturada.

Segundo Gil (2002, p. 55), “o estudo de caso é caracterizado por um estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”. O autor também apresenta alguns propósitos:

- 1) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- 2) preservar o caráter unitário do objeto estudado;
- 3) descrever a situação do contexto em que está sendo feita uma determinada investigação;
- 4) formular hipóteses ou desenvolver teorias
- 5) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações complexas que não permitam o uso de levantamentos e experimentos.(GIL, 2002, p.54)

Escolheu-se trabalhar com a metodologia de estudo de caso numa perspectiva descritiva. Segundo Gil (2002, p. 42):

[...] as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o

estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

Neste tipo de pesquisa busca-se analisar os fatos, observar e registrar sem qualquer interferência, onde as principais técnicas de coleta de dados são a observação, a entrevista, o formulário, o teste e o questionário.

Optou-se pela abordagem qualitativa, pois segundo Chizzotti:

[...] abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado (2009, p. 79).

Como instrumento de coleta de dados será utilizada a entrevista semiestruturada. Para Manzini (2004), “a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”.

6.2 Amostra/População Alvo

Os participantes da entrevista serão duas acadêmicas com AH/SD que estão no início da vida acadêmica na Universidade Federal de Santa Maria. As alunas durante o ensino médio eram participantes de um programa de enriquecimento extracurricular ofertado na UFSM e foram indicadas para a pesquisa através de uma colaboradora da área.

6.3 Aspectos Éticos

Os participantes da pesquisa foram informados de seus direitos quanto ao sigilo das informações e quanto ao uso dos dados coletados. Aqueles que, voluntariamente, aceitaram participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), concordando com a realização da pesquisa, no qual ficou registrado o caráter voluntário da participação e esclarecidas às questões éticas que embasavam este estudo.

6.4 Critérios de Inclusão

O critério utilizado para esse estudo foi a inclusão dos alunos com AH/SD do primeiro ano do ensino superior com o intuito de mostrar os entraves e os obstáculos que giram em torno da inclusão destes no início da graduação, e a consolidação da inclusão aluno com AH/SD no ambiente acadêmico.

6.5 Análise dos dados

Será realizada uma análise descritiva, utilizando-se de categorias que serão eleitas após a coleta de dados. Nestas categorias serão debatidas as respostas dos participantes.

7 ANÁLISE DOS DADOS

As entrevistas realizadas com as duas acadêmicas (que serão nomeadas como L e M) tiveram duração diferenciada. A primeira, com a aluna L, teve duração de aproximadamente 49 minutos, e a segunda, com a aluna M, de aproximadamente 16 minutos. A diferença na duração dá-se pelo fato da entrevistada L ter exemplificado mais em cada questão. As entrevistas foram transcritas para possibilitar a análise de dados.

As respostas foram analisadas e colocadas em categorias de acordo com cada tema, elencados a partir do tema principal que é sobre o processo de inclusão do aluno com AH/SD no ensino superior, a fim de responder aos objetivos específicos do trabalho. Salientando que as questões foram feitas de forma clara e objetiva, para facilitar o entendimento das entrevistadas.

Abaixo, encontram-se as categorias determinadas para a análise:

1. Expectativas na vida acadêmica
2. Estratégias metodológicas dos professores
3. Inclusão no Ensino Superior
 - 3.1 Relações com seus pares
 - 3.2 Espaços de enriquecimento

4. Desafios para inclusão dos estudantes com AH/SD

Categoria 1: Expectativas na vida acadêmica

A formação inicial é de extrema relevância para potencializar a conduta do profissional, tanto no que se refere ao conhecimento a ser adquirido como no exercício de sua autonomia. Sabe-se que o percurso a ser trilhado durante o ensino superior é de muitos desafios e enfrentamentos, por isso esta categoria é de extrema relevância para a compreensão das expectativas das acadêmicas sobre esse percurso iniciado.

Ao serem questionadas a respeito destas expectativas em relação ao futuro na vida acadêmica, responderam que:

Entrevistada L: Eu pretendo concluir o meu curso né, de arquivologia, não é um curso muito longo também né, são só três anos, três anos e meio, depois fazer a pós do curso, patrimônio e depois entrar no enem de novo pra fazer o curso de desenho industrial e unir as duas graduações.

Entrevistada M: Olha,tô bem preocupada.

Pesquisador:É?

Entrevistada M: Aham. Eu gostaria de fazer mestrado, depois doutorado e continuar na vida acadêmica, fazendo pesquisa, ã, dando aula, ã porém eu tô bastante preocupada devido aos eventos recentes, como o a falta de investimento, o déficit da capes ã, a possibilidade bem real de elegerem fascista. Tô bem nervosa.

As duas entrevistadas têm objetivos bem definidos em relação à vida acadêmica, portanto demonstraram preocupações, principalmente a entrevistada M. Porém é uma preocupação que não está relacionada a sua condição de aprendizagem acadêmica, mas em relação a fatores externos a sua vontade.

Mesmo já vivenciando alguns enfrentamentos e sabendo de outros desafios que poderão passar durante a trajetória acadêmica, relacionados à inclusão, as entrevistadas não demonstraram preocupações.

Além das características da pessoa com AH/SD (habilidade acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade”, as entrevistadas citaram que possuem responsabilidade e comprometimento, e que por esses fatores acreditam que alcançarão os objetivos no ensino superior, mesmo com as adversidades que possam surgir.

Categoria 2. Estratégias metodológicas dos professores

Primeiramente a instituição deve estar preparada para receber alunos com AH/SD porque isso também reflete em sala de aula. É fundamental que haja uma preocupação quanto à formação dos professores, que estes tenham uma formação inicial específica para que possam estar organizados para atender alunos superdotados, oferecendo a eles práticas diferenciadas através de estratégias metodológicas também diferentes, com o intuito de potencializar os conhecimentos desses alunos.

Educadores que apresentam estratégias novas e propostas adaptadas ao seu público necessitam de atualização para enriquecer suas aulas, atraindo-os com essas propostas diferenciadas.

Ao serem questionadas sobre as estratégias de ensino oferecidas pela Universidade, percebe-se uma fala no sentido amplo, sem relatos relevantes.

Entrevistada L: Em parte sim, mas tem algumas coisas que o nosso curso é bem trancado porque a Universidade não dá tanto apoio. Mesmo ele sendo o primeiro do Brasil, é um curso que pela UFSM está sendo bastante abandonado. [...]

Entrevistada M: Acredito que em grande parte sim, eu acredito também que em algumas partes não, mas ocorre em todo lugar, não uma coisa específica da UFSM que algumas estratégias não funcionem devido a algum método de ensino ou que tu apenas pegue nojo de certa pessoa e não consiga entender que ela fala, mas eu acredito que no geral algumas coisas tem que melhorar mas não é um problema crítico.

Mas ao serem questionadas sobre as estratégias metodológicas dos professores e se essas vão ao encontro de seus objetivos, responderam que:

Entrevistada L: [...] Mas é que tá entrando muito professor novo, muito professor que era aluno, que há dois ou três atrás era aluno, então isso eu tô achando bem importante porque com essas pessoas novas entrando agora estão dando um apoio ao contrário [...]

Pesquisador: Então no caso você diz que veio a renovação e eles encontram uma metodologia de ensino?

Entrevistada L: Sim [...]

Pesquisador: Beleza. Você acha que o seu professor ou professora consegue exercer um papel na sala de aula de forma que complete seus interesses de estudo? Digamos, o professor, os mais antigos, não esses que estão entrando agora?

Entrevistada L: Ah, olha, o nosso curso tem muito professor de outros departamentos, que já é bastante complicado de lidar [...] Então têm alguns professores que a metodologia é tão antiga, tão grossa, tão mente fechada que a gente não tem como entender. A gente vai descobrindo depois, a gente vai estudando na biblioteca procurar livros, tentar entender de outra forma, porque eu pelo menos tenho dificuldade de entender quando a pessoa só fala, quando ela não me dá uma base, tipo: ah, tem esse texto aqui se você quiser entender um pouquinho mais. Ou, ah, vamos fazer um resuminho, tentar trabalhar com slides. Mas não, esses professores mais antigos só usam o método da fala. Eles apenas vão ficar falando toda a disciplina durante todo um semestre na tua frente andando pra lá e pra cá, não respondem as perguntas, não olham na cara e acaba que isso, além de desanimar é um dos motivos que dizem que vão fechar o curso. Os alunos se sentem desmotivados, eu me sinto muito desmotivada, só que como é um curso que eu quero, eu tô criando motivação pra mim mesma, porque eu não quero abandonar ele, vou continuar e ver se eu consigo mudar a cabeça de alguns professores. Arquivo não vai morrer, arquivo não é papel velho, arquivo não é só ficar falando. Arquivo é prático, tem que mostrar, tem que ter ali. É que nem o pessoal da Química, como que vai aprender só o teórico? Aí vai chegar lá para mexer nos tubos de ensaio e explode tudo. A gente também não pode chegar aprendendo só falando, falando, ninguém aprende assim. Entra por um ouvido e sai pelo outro.

Pesquisador: Não é só a teoria, tem que ter os exemplos?

Entrevistada L: Tem que ter os exemplos. Tem que ver, nem que seja, leve lá, mostre uma certidão de nascimento nossa e porque a certidão é daquele jeito? A gente aprende essa formatação. Por exemplo, eu descobri que minha certidão de nascimento veio com defeito. Que ela podia ser considerada falsa. Então, porque eles não mostram isso? Porque eles não mostram esses poréns, essas exceções. Porque eles dizem que é exatamente dessa forma? Nunca o aluno vai ser igual o outro. [...]

Em relação ao mesmo tema, ao ser questionada se o professor consegue exercer um papel na sala de aula de forma que complete seus interesses de estudo, a participante M respondeu:

Entrevistada M: Depende muito do professor. Eu posso citar gente? Eu amo muito a MD, ela faz uma aula maravilhosa, ela complementa coisas ela quer que a gente pesquise e volte com dúvidas e colocações, e eu acho que isso é o meu modo favorito assim. Eu gosto muito quando um professor te deixa voar assim com o assunto, ã a gente também tem o R. O R faz isso também e eu gosto muito dele, em algumas coisas, o modelo que eu menos gosto de aula é o que só tem que ouvir as coisas sabe, eu não gosto disso.

Pesquisador: Entendi. Tu gosta de uma aula no caso assim de uma aula dinâmica, uma aula que tu veja o negócio e depois aprenda a teórica, não só teórica teórica [...]

Entrevistada M: O problema não é teoria desde que a gente discuta teoria, que a gente tá tentando construir ciência, então a gente precisa tipo, que as pessoas enxerguem isso de uma maneira não só “nossa essa coisa chata”. Não que a teoria seja chata, mas ensinar teoria de uma forma dinâmica é possível.

Com os relatos das entrevistadas é possível perceber que aqueles professores que apresentam propostas diferenciadas têm as aulas mais atrativas. Aquele professor que instiga o aluno a pensar, criar hipóteses, inventar soluções, oferecem aulas mais dinâmicas e essas são vistas pelas alunas como as mais interessantes, que não as desmotivam.

O que vai diferenciar uma aula “normal” de uma aula enriquecedora são as estratégias utilizadas pelos professores durante as aulas e na mediação das atividades.

E isso tratando somente da metodologia do professor com toda a turma. Se formos pensar na aula do professor que pensa no seu aluno com AH, já deve ser levada em consideração a sua formação, que também é vista como enfrentamento (exemplificado na categoria 4, que trata dos desafios para a inclusão).

E não só a formação do professor é vista como desafio, mas a informação que esse recebe sobre as características do aluno também, ou seja, o conhecimento que os professores têm acerca da superdotação, para que o estudante possa ser notado não só como mais um aluno da turma, mas que receba um olhar diferente, possibilitando o desenvolvimento de seu potencial.

Categoria 3: Inclusão no Ensino Superior

De acordo com os relatos das entrevistadas pude observar esta categoria bem relevante, nesse sentido, foi necessária dividi-la para que pudesse ter uma abrangência maior do tema.

3.1 Relações com seus pares

Sobre o convívio com seus pares, colegas e professores, as entrevistadas não revelam dificuldades em se relacionarem com outros, porém em seus relatos é possível perceber que ambas se relacionam mais em seus “grupos de amigos”. E isso é pelo receio de serem rejeitadas pelos colegas por terem mais facilidade.

Uma questão indagou se “você sente-se incluída na turma nos trabalhos em grupo, quando é exigida a troca de informações com seus pares?”.

Entrevistada L: Eu tenho essa facilidade, mas não é por envolvimento com a turma. É porque tem uma colega ali que ela tem cinquenta e oito anos e ela acabou me adotando como filha, assim, filha dela, ela me adotou. Então eu sempre acabo fazendo dupla com ela pra ajudar, até porque ela não tem tanto contato com a informática. Ela comprou um computador esse ano para recém aprender a mexer, então tipo, eu tô que nem mãe dela. E o meu tio faz o mesmo Curso que eu, então eu tenho essa parte de interação em família, que acaba que é ela, meu tio e eu, é um grupinho que ficou, a gente não consegue se separar assim, acaba que um ajuda o outro. Então é bem interessante essa parte.

Pesquisador: Então tu se sente incluída?

Entrevistada L: Me sinto incluída. E eles também.

Entrevistada M: Sim, porque eu tenho dois melhores amigos que fazem sociais comigo. Então no caso, a minha experiência não tem muito a ver com a boa aceitação de grupo, eu acho que é sobre isso a pergunta inclusive, mas eu tenho um grupo fechado, eu tenho dois melhores amigos e alguns amigos assim mais pessoais...

Pesquisador: Uhum.

Entrevistada M: ... E a gente se dá muito bem pra fazer trabalho a gente se complementa muita coisa tipo eu sou muito muito muito (ruídos) tipo “isso aqui tá bom mas a gente pode mudar pra isso, isso aquilo” e eu fico tipo, projetando e incluindo coisa nova.

Pesquisador: Tá e quanto a turma, sempre fazem os grupos fechado?

Entrevistada M: Ahã, a gente, ou é dupla ou em trio, então se é...

Pesquisador: Já tem os certos já?

Entrevistada M: Já tem os certos, é tipo assim é “vamos” (risos).

Porém na sequência da entrevista, questioneei com outra pergunta relacionada no roteiro, se elas achavam que a turma possuía ambiente propício e favorável para que desenvolvessem todo o seu potencial e então percebe-se que as acadêmicas apresentam um receio de serem rejeitadas, então mesmo dizendo que sentem-se incluídas, não é uma realidade bem definida.

Entrevistada L: Não. A minha turma é uma coisa muito separada, tem muita rixa interna, muita briguinha tosca que não me faz eu sentir parte dela. Eu faço parte do meu grupinho ali, nós três, mas eu não faço parte da turma, não consigo. Porque além da maioria fazer aquela pressão que nem os professores, eu não me sinto bem junto deles. Tem alguns que realmente eu gosto, eu consigo conviver. Mas tem outros que eu não consigo ficar perto, que eu me sinto mal. Eu me sinto deprimida, eu quero sair daqui, quero fugir da Universidade, só por estar perto daquelas pessoas. Então eu tenho dificuldade de relação na turma com o todo. Eu não consigo me integrar, me incluir.

Entrevistada M: Hum, eu entendi, só não rei responder (risos). Mas pera, vamos lá ... Mas em relação a, eu acho, não sei, posso tá interpretando errado, é uma questão de tipo, relacionamento com a turma?

Pesquisador: É, com a turma no geral, assim, geralmente tudo que é turma tem grupinhos fechados né...

Entrevistada M: É, na verdade tem um pessoal bem isolado, eu mesma sou bem isolada entre os meus amigos assim. A gente dá oi pro pessoal, mas próximo mesmo é a gente, não sai da gente. E eu acho que é assim com os mais pessoais também.

De acordo com Freitas e Pérez (2010) “quando uma sociedade enfatiza demais a adaptação aos outros, ser “normal” passa a ser o principal objetivo na vida [...]”. Ainda acrescenta que “a expressão “*eu sou normal*” é muito emblemática e literalmente mencionada em diversas oportunidades”.

O mesmo acontece com as entrevistadas. Ressaltam sua “normalidade”, mostrando pouca preocupação acerca da inclusão delas e/ou dando pouca importância para a identificação, porém reafirmam suas diferenças e relatam dificuldades de se encaixarem no perfil da turma no geral.

3.2 Espaços de enriquecimento

Através das respostas dos sujeitos entrevistados, foi possível perceber que a UFSM promove diversos espaços educacionais para seus alunos, tanto nas interações e troca de experiências como, principalmente, possibilita a eles experiências em espaços de enriquecimento, sendo possível observar a partir dos relatos das acadêmicas.

Entrevistada L: E esses espaços de projeto parece que faz a gente aprender melhor, ter mais um a integração melhor (...) Eu nunca imaginei que isso fosse possível e é bem interessante. É algo que a Universidade que faz, não o meu curso. É uma abertura da Universidade. Por exemplo, outro projeto, aquele atendimento psico, psicopedagógico, psicossocial, esqueci, psicólogo. Atendimento pros alunos, pra quem tiver com sintomas de depressão e tudo mais. Que eu acho bem interessante, porque é um apoio.

Entrevistada M: Eu acho que eu não tive conexões tão importantes quanto eu tive com as amigadas que eu fiz aqui na Universidade em lugar nenhum sabe, mas foi o projeto que me permitiu conhecer pessoas com quem eu tive amigadas no Ensino Médio e também a canalizar isso como coisa construtiva sabe.

Com os relatos das acadêmicas entrevistadas pude verificar que elas gostam de frequentar a instituição e que as atividades diferenciadas oferecidas a elas e aos demais alunos são de extrema relevância para que suas habilidades sejam potencializadas. Elas fizeram um reconhecimento importante dos projetos ofertados pela instituição que são extensivos a todos os alunos. Toda essa interação que o indivíduo vivencia, as relações de troca são importantes para seu desenvolvimento. Conforme Freitas e Pérez (2010):

Os laboratórios e os espaços de extensão e pesquisa das faculdades, além de constituírem um lugar para o desenvolvimento, do pensamento indutivo, muito desenvolvido nos alunos com AH/SD do tipo produtivo-criativo, também costumam receber alunos que os procuram no afã de buscar conhecimentos adicionais ou extracurriculares, que não são oferecidos nas disciplinas regulares, e dentre esses alunos podem ser identificadas PAH/SD.

Outra questão direcionada às alunas, também relacionada aos espaços, foi sobre a participação em outras atividades dentro da Universidade além das aulas.

Entrevistada L: Eu faço uma bolsa né, no Departamento de Abandono, eu faço a dança, pela Universidade, eu participo do projeto da professora T, que é de alunos com Altas Habilidades, que no caso eu tô como colaboradora, auxiliando né, os alunos. ã, eu acho que é isso, não me lembro de mais nada.

Pesquisador: E você faz a libras também né?

Entrevistada L: É e a Libras, Libras né.

Pesquisador: Uma DCG né?

Entrevistada L: Uhum.

Entrevistada M: *Ah sim, eu faço um grupo de estudos, sobre desigualdades, cidadania.*

Pesquisador: Mas é voluntário isso?

Entrevistada M: *Ahã, é voluntário.*

Pesquisador: Com colegas do teu curso mesmo?

Entrevistada M: *Tem gente do curso e tem gente de fora.*

Conclui-se que as entrevistadas participam de atividades além das aulas, sendo para conhecimento extracurricular ou como forma de sair do “mundo dos estudos” e relaxar um pouco, como é o caso da entrevistada L, que também citou outro projeto da UFSM.

Entrevistada L: Tanto que como eu comentei, esses espaços de projeto que faz a gente aprender melhor, ter uma integração melhor, como é o caso do esporte universitário. É um também que tá me fazendo muito bem. Eu tô fazendo algo que eu não queria fazer no esporte universitário e eu tô gostando, que é dança. Eu não sou uma pessoa assim, eu queria fazer boxe, meter porrada em todo mundo, descontar a raiva, né, que acaba que a gente fica com uma certa raiva acumulada durante a Universidade e aí eu tô fazendo dança e tô descontando a raiva na dança, eu nunca imaginei que isso fosse possível e é bem interessante.

Segundo Freitas e Pérez (2010, p. 108), os adultos com altas habilidades sempre encontram tempo para fazer algo mais, citando o “interesse em assuntos complexos, ideias novas e várias atividades”. As autoras ainda trazem que “Independentemente da área na qual apresentem maior destaque, os interesses são muitos, muitos diferentes e complexos”.

4. Desafios para a inclusão

Aqui nesta categoria também retomamos outras, principalmente a 3.1, que trata sobre a inclusão e as relações com seus pares, pois são os maiores desafios relatados pelas acadêmicas.

Ao serem questionadas sobre os desafios para a inclusão no ensino superior, elas relatam:

Entrevistada L: A convivência com as pessoas é um desafio. A convivência com aquela ideia de que “ah, é um gênio” e não é. O maior desafio é mudar a cabeça das pessoas para entenderem que tu não é um robozinho, que não é só te entregar um chip que tu vai descobrir tudo, que tu vai fazer tudo. Acho que é o maior desafio que eu tenho, que é me incluir na turma né. E fazer eles entenderem que não é desse jeito, que não é assim que funciona as coisas. Não é que nem ligar um computador, só apertar um botão.

Pesquisador: Beleza. Que desafios você percebe que a sua inclusão no Ensino Superior? O pessoal sabe que tu, “ah, aquela menina tem Altas Habilidades” [...]

Entrevistada M: Eu acho que não, mas o pessoal “meu Deus, essa menina começa a falar (risos) e ela fala muita coisa” e tipo, eu faço umas conexão meio estranha, mas que no fim dá certo sabe?

Pesquisador: Sim. E você se sente incluída na sala?

Entrevistada M: Olha, eu me sinto incluída na parte que me importa da sala, então honestamente eu não sei te dizer se eles percebem alguma diferença ou não, até porque tem gente que eu não gosto mesmo (risos).

Outro desafio citado pelas acadêmicas e que também tem a ver com as relações com os pares é em relação ao conhecimento dos professores sobre altas habilidades/superdotação.

Pesquisador: Que conhecimento você acha que os seus professores tem sobre as altas habilidades/ superdotação?

Entrevistada L: Nenhum. São tudo uns “poste”. Vamos resumir assim. Porque eu fui pegar uns documentos meu e tava escrito aluna com altas habilidades, que era pra levar como exemplo. E o meu professor ficou lendo e tipo “Tu tem alguma deficiência?” E aí tu fica “puts, como é que eu vou explicar pra ele? Que que palavras eu vou achar pra explicar?” Chega um ponto que tu não sabe explicar porque não sabe se a pessoa vai entender, aí chega aqueles “meu Deus tu é um gênio, tu é um Einstein, novo Einstein... tipo, não é... Não é assim que funciona, né? Talvez a gente tenha facilidade, talvez a gente aprenda um pouco mais rápido, mas não é assim que funciona. Não é largar um...

Pesquisador: Um enigma?

Entrevistada L:É, uma fórmula assim mágica que a gente vai decifrar na hora. Não não, a gente não funciona assim. Não é tão rápido quanto parece. E acaba que os professores às vezes eles põem uma pressão assim, tipo parece que tão testando a gente pra ver se realmente é, se tu é um gênio, se tu é um novo Einstein, se tu é tipo um Alan Turing da vida. E não é assim que funciona, a gente só se sente deprimido, porque é uma pressão desnecessária que faz a gente ficar sem motivação. A gente fica tipo, bah, eu tenho que ir lá naquela aula e aquele professor vai ficar me cutucando, me perguntando um monte de coisa que eu não vou saber responder porque eu nunca vi na minha vida.

Pesquisador: Certo.

Entrevistada L:E aí é uma pressão que tipo, tu não tem reação, tu só fica olhando e aí os teus colega ficam te olhando com uma cara de “ai lá vai aquela nerdzinha de novo responder tudo”. Aí é uma coisa que a gente se sente mal, né. Que eu conversei com outras pessoas, outros alunos com altas habilidades daqui da Universidade, que eles falam que se sente mal nessa parte, porque é desnecessário né. A gente não quer que espalhe pra todo mundo porque acaba que vem essa pressão, vem essas pergunta desnecessária, idiota, que acaba só fazendo a gente perder tempo ficando irritado né, se estressando a toa e acaba que no fim a gente perde algumas amizades por conta disso. De um estresse da pessoa ficar cutucando com pergunta idiota.

Pesquisador: Que conhecimento que você acha que seus professores têm sobre as Altas Habilidades/Superdotação?

Entrevistada M: Eu não sei te informar. Eu realmente não sei te informar.

Pesquisador:E nem acha assim que eles, tipo, bah esses aqui não conhecem nada nunca viram falar ou coisa assim, não?

Entrevistada M:Olha eu acho que tem professores que podem estar mais conhecidos assim sobre o assunto, ã, mas eu não sei avaliar o conhecimento deles a respeito de altas habilidades.

Os acadêmicos têm muitos desafios a serem superados durante a graduação e, certamente, as acadêmicas superdotadas também têm. Não é por terem AH/SD que as alunas não passam por enfrentamentos durante esse percurso. Pode não ser nenhum desafio relacionado aos conteúdos das disciplinas do currículo, por terem mais facilidade, mas desafios diários como é o caso das relações com colegas e

professores. Conforme Virgolim (2014):

Em nosso país, vários são os problemas ainda enfrentados com essa população. Um grande mito que permeia nossa sociedade é o de que os superdotados são percebidos como aqueles que têm tudo, que não necessitam de mais recursos para se desenvolver, o que demonstra uma falta geral de maior conhecimento do tema.

Ressalta-se então que o conhecimento que os professores apresentam ou deixam de apresentar sobre as AH/SD é outro aspecto bastante desafiador. Virgolim (2014) ainda completa que:

[...] essa área se caracteriza pela falta de: (a) treinamento especializado dos profissionais; (b) material adequado à necessidade do grupo [...] (d) cursos de graduação e pós-graduação nas universidades brasileiras específicos para a área; (e) mais recursos governamentais para programas voltados para o desenvolvimento da superdotação em todo o país; (f) técnicas mais modernas de identificação [...].

Os alunos que apresentam características de AH/SD muitas vezes são ignorados, sendo a falta de conhecimento sobre a área que leva a essa ideia equivocada de que eles não precisam de um olhar e/ou atendimento diferenciado pois já possuem habilidades acima da média.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a importância da inclusão do aluno com AH/SD no ensino superior, esta pesquisa delimitou o seguinte problema de pesquisa: Quais os desafios que o aluno com altas habilidades/superdotação (AH/SD) encontra na inclusão no ensino superior? Com o objetivo de investigar como se dá o processo de inclusão do aluno com altas habilidades/superdotação (AH/SD) no primeiro ano da graduação no ensino superior da Universidade Federal de Santa Maria.

Os objetivos específicos são investigar as expectativas do aluno com AH/SD que frequenta o ensino superior; verificar se as estratégias de ensino dos docentes estão atendendo as necessidades e expectativas de aprendizagem do aluno com AH/SD e como estão sendo desenvolvidas; analisar as relações estabelecidas entre os alunos com AH/SD com seus pares e professores no ensino superior; identificar os desafios para a inclusão do aluno com AH/SD no ensino superior; e reconhecer os espaços e/ou alternativas educacionais promissoras para o desenvolvimento do sujeito com AH/SD dentro da UFSM.

Segundo Guenther (2010), o problema não está em receber e acolher o aluno, mas em inclui-lo nas atividades, de acordo com o seu desenvolvimento. Reconhecer, aceitar e desenvolver os alunos com altas habilidades, esse é um desafio que vem desde a escola até a universidade.

Considera-se que, de acordo com Freitas e Pérez (2010), podemos dar a nossa contribuição para melhorar o atendimento e a qualidade de vida das pessoas com AH/SD. Para isso é necessário refletir sobre o que os adultos com AH/SD contaram sobre suas vidas quando eram crianças e adolescentes, auxiliando assim na compreensão dessas etapas. E por fim aprofundar nas origens, identificando, reconhecendo e valorizando a pessoa com AH/SD o quanto antes, podendo assim contribuir com o seu desenvolvimento por toda a sua vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. S. F. (Org.). **Educação Inclusiva: a família - a escola - a filosofia**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004. v. 4. Acesso em 8 de junho de 2018.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

_____. **DECRETO Nº 7.611, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências**. Brasília: MEC/SEESP, 2011.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº5692 de 11 de agosto de 1971. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: 23 de maio de 2018.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2018.

_____. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação**. Nº10.172 de 09 de janeiro de 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 10.ed.. São Paulo: Cortez, 2009.

FREEMAN, J.; GUENTHER, Z. C. **Educando os mais capazes: idéias e ações comprovadas**. São Paulo: EPU, 2000.

FREITAS, S. N. (org.). **Educação e Altas Habilidades/Superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2006.

FREITAS, S. N.; PÉREZ, S. G. P. B. **ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: atendimento especializado**. Marília: ABPEE, 2010.

GAMA, M. C. S. S. **Educação de superdotados: teoria e pratica**. São Paulo: EPU, 2006.

GARDNER, H. **A Teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____. **Estruturas da Mente: A teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____. **Inteligência: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUENTHER, Z. C. **Desenvolver Capacidades e Talentos: Um conceito de inclusão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

OMS. **Organização Mundial da Saúde**. Disponível em <http://www.ufcg.edu.br/prt_ufcg/assessoria_imprensa/mostra_noticia.php?codigo=7132>. Acesso em 21 de junho de 2018.

PÉREZ, S. G. P. B. **Gasparzinho vai à escola: um estudo sobre as características do aluno com altas habilidades produtivo-criativo**. Porto Alegre, 2004.

_____. **Ser ou não ser, eis a questão: o processo de construção da identidade na pessoa com altas habilidades/superdotação adulta**. Tese. Doutorado em Educação – Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (PUCRS). Porto Alegre, 2008.

VIRGOLIM, A. M. R. **Altas habilidades/superdotação, inteligência e criatividade: Uma visão multidisciplinar**. Campinas: Papirus, 2014.

_____. **A contribuição dos instrumentos de investigação de Joseph Renzulli para a identificação de estudantes com Altas Habilidades/Superdotação.** Santa Maria: Revista de Educação Especial, 2014. v.27. n.50. p.581-610. Disponível em: <<http://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14281/pdf>>. Acesso em: 04/05/2018 às 23h05.

_____. **Altas Habilidades/superdotação: encorajando potenciais.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Acesso em 01 de maio de 2018. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>>

WINNER, E. **Crianças superdotadas: mitos e realidades.** Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes médicas, 1998. Acesso em: 30 de maio de 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido –TCLE



Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Licenciatura em Educação Especial-Noturno

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO (AH/SD) NO ENSINO SUPERIOR

Pesquisador responsável: Marcus Vinicius Gama Soares

Orientadora do Estudo: Prof^aDr^a Tatiane Negrini

Instituição/Departamento: Curso de Licenciatura em Educação Especial Noturno

Telefones para contato: (55)999504317-(55)991606841

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

Qualquer pesquisa oferece riscos em maior ou menor grau. As perguntas da entrevista poderão remeter a fatos ou lembranças desconfortáveis, dessa forma, o(a) participante poderá optar por não responder a qualquer pergunta. A

pesquisadora compromete-se em responder todas as dúvidas dos participantes.

Aos participantes desse estudo será totalmente assegurado a questão de ética, não serão mostrados seus dados particulares, nem serão julgados quanto às suas atitudes ou pensamentos. Se obtiverem algum sentimento ruim durante as entrevistas poderão dialogar a fim de que compreendam o verdadeiro sentido da pesquisa, e suas dúvidas podem ser esclarecidas para o seu total entendimento.

Essas entrevistas serão individuais. Assim, cada participante responderá as perguntas sem a presença dos outros, para que possamos entender a realidade exata de cada âmbito familiar.

A entrevista poderá ser gravada, caso os responsáveis aceitarem.

Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo _____, como sujeito. Fui suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo "O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO (AH/SD) NO ENSINO SUPERIOR". Eu discuti com o pesquisador, sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso a tratamento hospitalar quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu acompanhamento/ assistência/tratamento neste Serviço.

Local e data: _____

Nome e Assinatura do responsável: _____

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Santa Maria _____, de _____ de 2018.

Pesquisador responsável

Orientador do Estudo

Apêndice B- Roteiro de entrevista

Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Maria - Centro de Educação
Curso de Licenciatura em Educação Especial-Noturno

IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Curso:

Idade:

Estado Civil:

Atividade profissional:

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- (1) Quais são suas expectativas em relação ao seu futuro na vida acadêmica?
- (2) Você acha que as estratégias de ensino que a universidade oferece estão conseguindo alcançar seus objetivos?
- (3) Em que circunstâncias você acha que o professor em sala de aula consegue exercer seu papel de forma a contemplar seus interesses e estudos?
- (4) Que conhecimento você acha que seus professores têm sobre as Altas Habilidades/Superdotação?
- (5) Você considera que as estratégias metodológicas que os professores utilizam em sala de aula estão de acordo com as suas expectativas e necessidades?
- (6) Você sente-se estimulado por desafios propostos pelos seus professores?
- (7) No seu ponto de vista os professores tem um estudo de enriquecimento do conteúdo proposto?
- (8) Você sente-se incluído na turma nos trabalhos em grupo, quando é exigida a troca de informações com seus pares?
- (9) Você acha que a turma possui um ambiente propício e favorável para que você desenvolva todo seu potencial?
- (10) Levando em conta a sua identificação você pretende se especializar dentro da sua área?
- (11) Que desafios você percebe para a sua inclusão no ensino superior?

(12) Você participa de outras atividades dentro da Universidade, além das aulas?
Quais?

(13) Que outros espaços e/ou alternativas educacionais você acha que poderiam ser potencializadoras de suas habilidades na universidade?